

CLÍNICA COMUNITÁRIA
DO BAIRRO DO ALTO
DA SEREIA, BA

*Programa de Pós- Graduação
Profissional/PRODAN
Universidade Federal da Bahia*

Rafael Alves



APRESENTAÇÃO

Relações do corpo com o chão: experiências, educativas e de saúde como construção de pertencimento é uma pesquisa implicada desenvolvida no Programa de Pós Graduação Profissional em Dança PRODAN/UFBA, na linha de pesquisa Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança com orientação da Profa. Dra. Rita Aquino e contou com a bolsa FAPESB. As perguntas teórico-práticas iniciais que mobilizam essa pesquisa são: Como o chão me move? Como mover o chão? A partir de uma compreensão integrativa de corpo, o objetivo principal foi promover de maneira entrelaçada experiências artísticas, educativas e de promoção da saúde, compreendidas como tecnologias para o estabelecimento de vínculos e formas de pertencimento com comunidades e territórios. Esse percurso foi desenvolvido em três eixos, a saber: 1. mediação de processos artísticos, educacionais relacionado a preparação corporal e criação de coreografia de danças urbanas em colaboração com o espetáculo do artista brasileiro Lucio Piantino para obra *Somos como Somos e não Cromossomos* estreada em 2021, o qual foi desenvolvido à distância no formato on-line e semipresencial em 2020.2; Pouso: experiência de criação em dança com a co-direção e tutoria artística de Leonardo França; e 3. A participação na Clínica Comunitária do Alto da Sereia, Salvador/BA com moradores/as do Rio vermelho e Ondina que constituiu um desses eixos de investigação/atuação.

CONTEXTO

Segundo os moradores mais antigos do Alto da Sereia, o lugar já teve o nome de Alto do Bibiano e também Alto do Canzuá. Dizem que o nome atual foi dado devido a história da escultura de uma Sereia que ficava na parte de trás do morro, nas pedras do mar aberto. Segundo alguns moradores, a força do mar a levou a sereia. O nome é uma homenagem a essa história que se tornou símbolo da comunidade permeando de encanto. Há outros relatos, e que por ser uma comunidade também de pescadores/as ela deu origem a uma das festas mais importantes de Salvador/BA, o famoso dois de fevereiro, a homenagem a Iemanjá realizada na praia do Rio vermelho do lado da casa dos pescadores, o Alto da Sereia fica do lado bem próximo.

O morro como um todo tem uma extensão territorial que vai desde a praia da paciência até o antigo restaurante Sukiaki onde fica a (praia das ondas). Há moradores que consideram o Alto da Sereia como um ponto entre os bairros do Rio Vermelho e Ondina sendo dividido em duas partes: Pedra da Sereia que é compreendida como a parte de baixo que vai desde a praia das ondas até a parte de trás do morro, ou seja, toda a parte das pedras. Nesta parte é possível sentar para ver o pôr do sol de diversos lugares e também acessar o Alto da Sereia por uma escadaria lateral.

A parte que é chamada de Alto da Sereia têm mais duas escadarias principais de acesso pela Av. Oceânica. Sendo uma do lado da Igreja

Evangélica, que fica do lado da loja de carros importados, e a outra, é onde fica escola de capoeira do Nzinga fundada pela mestra Janja. Nesta mesma escadaria se localiza a escola classe Ana Neri. Uma quarta escadaria se encontra na parte de trás do morro podendo ser acessada pela praia da paciência.

Seguindo pela escadaria central do Nzinga até o alto, na parte que dá para ver o mar, tem uma igreja católica chamada Nossa Senhora dos Navegantes bem esquina à direita, seguido uma viela que dá para o outro mirante é possível ver uma ponta da Ilha de Itaparica e o início da Bahia de Todos os Santos. Nesse mirante fica a famosa quitanda de Dona Maria Fátima, as pinturas da artista Maria Lina e foi onde aconteceu *Memori-se* uma performance de Roberta Rox inspirado no Alto da Sereia. Esse ambiente aberto é palco de eventos culturais da comunidade e já teve uma versão da Clínica Comunitária durante a pandemia de Covid-19. Com o retorno seguro a Clínica voltou a ser realizada no salão da igreja Nossa Senhora dos Navegantes, sempre aos sábados 10h às 14h. Mas também teve versões mais antigas realizadas nas ruas, com visitas em domicílio e durante

cinco anos foi realizada no estúdio Casinha 16.

Neste território é possível ver casas com portas, janelas abertas e um forte relações de parentesco entre os moradores. Há gerações de famílias morando lá e os mais antigos optaram por não subir carros. Apesar de uma grande especulação imobiliária, a maioria das casas dessas famílias são passadas para gerações seguintes. Denival Marinho Veloso é um dos moradores que herdou a casa de sua família junto com seu irmão e é também um dos idealizadores da Clínica Comunitária. Para Denival e os moradores, a Clínica é um sonho coletivo que acontece há mais de 11 anos. Ele entende comunidade como união, confiança e saúde como construção pertencimento.

O ambiente em que acontece as práticas integrativas proporciona um momento de respiro, pausa e aprendizado em roda, o que se aproxima das práticas colaborativas, processos de ensino e aprendizagem, participação social, território e comunidade proposta por Aquino (2015).

SUJEITOS

A Clínica é realizada há mais de onze anos com moradores/as do Rio Vermelho, Ondina e outros bairros. Ela já foi composta por diversos participantes - estudantes, acupunturistas, massoterapeutas, psicólogas, professores/as, profissionais do audiovisual, jornalistas e artistas. O público vai desde crianças a idosos, pescadores/as, costureiras, cozinheiros/as, surfistas, trabalhadores do transporte coletivos, policiais militares etc. Respeitando os protocolos de biossegurança, foram desenvolvidas ações de cuidado e atenção à saúde junto a essa comunidade. Os idealizadores deste projeto são os moradores Denival Marinho, Jussara Gomes e Seth Hague que foram se aproximando da comunidade aos poucos e desenvolvendo os atendimentos. Desde o início, passaram pela Clínica diversos participantes e terapeutas. Como Roberta Rox

artista e acupunturista, Tamara Terso moradora, jornalista e doutoranda em comunicação e atualmente Miguel Brito é da sereia, histotécnico e reikiano e, Rafael Alves artista da dança e terapeuta corporal.

CONHECIMENTOS

No contexto da pandemia, foi importante pensar as práticas integrativas e ditas de saúde conectadas a praticas cotidianas dos moradores e participantes. Percebendo que o tempo já não era mais o mesmo, e a contemporaneidade atravessava processos de transformações sociais, políticas, educacionais, ético e estéticos foi oportuno refletir por meio da dança uma compreensão integrativa de corpo e promover de maneira entrelaçada experiência artísticas, educativas e de promoção de saúde, compreendidas como tecnologias para estabelecimento de vínculo e formas de pertencimento com comunidades e territórios. Assim esse fortalecimento dos afetos foi sendo construído e vivenciado de forma prática nos entendimentos de que a arte promove processos vitais de sensibilização, saúde, pertencimento e continuidade.

ATIVIDADES REALIZADAS

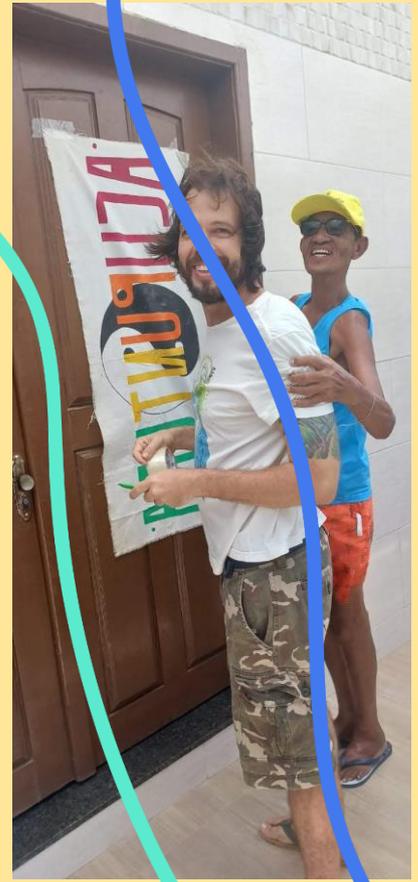
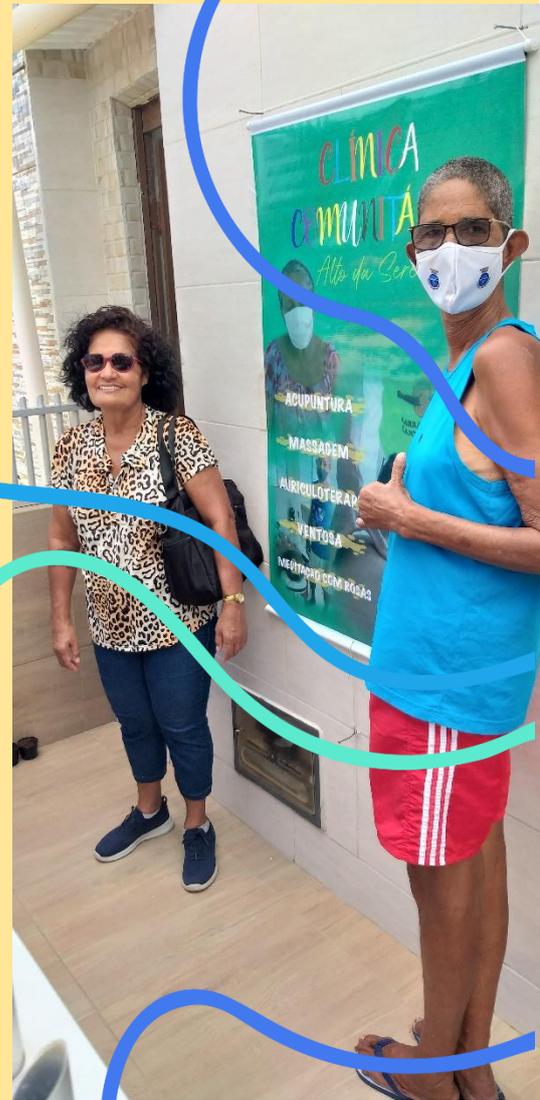
A participação e os atendimentos foram realizados com as pessoas de forma conversada e afetiva, prezado pela escuta de pessoas moradoras e participantes, bem como, a escuta de outros terapeutas no processo de aprendizado das práticas e atendimentos com terapia auricular, procedimentos de acupuntura, ventosas, moxabustão e massoterapia em cadeira e maca. Foi realizado atividade entrevista, cadastramento de moradores gerando fichas de acompanhamento (anamnese), distribuição de máscaras e cestas básicas, aferimento de temperatura, exercícios posturais e de respiração, práticas de Qi Kung e princípios do Pilates, facilitação ao acesso e atenção

médica quando necessário. Durante esses anos, foi desenvolvido um árduo trabalho de tratamento de depressão, ansiedade, tosse e alcoolismo, bem como atividades culturais com apresentação de performances, música e dança. No meu percurso neste ambiente, a primeira ação consistiu na realização de um mural fotográfico com imagens de dois anos de participação no ambiente da Clínica Comunitária, ocasião na qual ocorreu a entrega de fotos-presentes para moradores/as participantes, ação de colagem de lambe-lambes, apresentação do solo de dança Pouso, roda de conversa e confraternização. O intuito foi abordar a articulação entre as compreensões de corpo e saúde integrada.





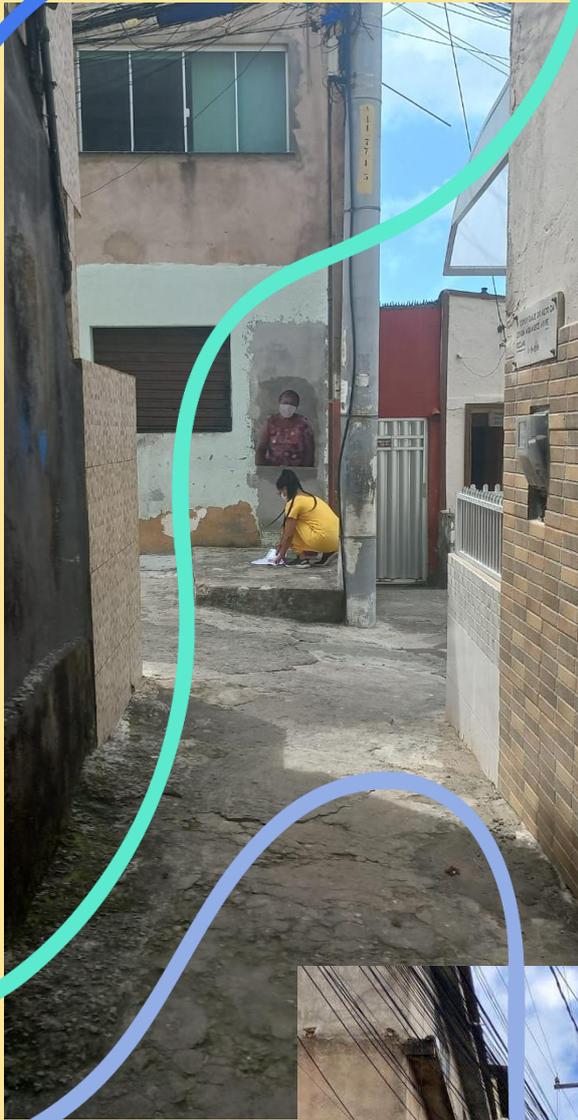
















CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prestação de serviços continuados desde 2020 até o momento foi decisiva para identificar contextos e sujeitos/as, observar noções de corpo e saúde integrados. A escuta de tradições orais, tais como, procedimentos ditos de saúde, histórias das pessoas, do lugar, de mestres artistas e não artistas fez com que emergisse reflexões sobre práticas artísticas, educacionais que fossem ganhando corpo, por exemplo: a escrita de cartas; impressão de

fotografias para presentear moradores da comunidade (foto-presentes); produção de murais em espaços públicos com imagens da Clínica a partir da técnica de lambe lambe; entre outros procedimentos artísticos. Essa trajetória vem sendo tecida a partir de meu percurso profissional de Brasília, DF a Salvador, BA e voltou com força à medida que o processo de criação em dança do solo de dança Pouso e oficina Pouso: partilhas para expandir noções de dança, saúde e comunidade foram se desenvolvendo de também de modo presencial inspirado nesse contexto de aprendizado.

MINI BIO E FOTO DO AUTOR



Rafael Alves: Artista é filho de Dona Joanita Alves e Stênio Cardoso, artista da dança, terapeuta corporal e mestre no Programa de Pós Graduação Profissional em Dança da PRODAN/UFBA. Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança UFBA. Licenciado em Dança/IFB. Integrante do Grupo de Pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces. Possui formação no Método Kusum ModakSM Terapia Yoga Massagem AyurvédicaSM com Prem Shunya, em Thai yoga massagem pelo Spa Raquel Furquim/DF, pré-treinamento em Gyrokinesis® e Gyrotonic® pelo Gyrotonicbrasíliasudoeste e em Pilates pela Personal Pilates/DF e CGPA/SP.

FICHA TÉCNICA E AGRADECIMENTOS

Terapeutas: Denival Marinho, Seth Hague, Nana Tazawa, Roberta Rox, Tamara Terso, Miguel Brito e Rafael Alves

Fotógrafos: Seth Hague, Ianô Baldez, Nana Tazawa, Roberta Rox, Tamara Terso, Rita Aquino, Bianca Borsoi, Rafael Alves

Projeto gráfico e diagramação: Lina María Herrera Saavedra

Agradecimentos: Coordenação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN / UFBA e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, moradoras do Alto da Sereia e participantes da Clínica Comunitária, grupo de pesquisa ENTRE: Artes e Enlaces, a Rita Aquino, Leonardo França, Alexandra Martins, Tamara Terso, Lina Maria, Roberta Rox, Seth Hague, Denival Marinho, Jussara Gomes, Nana Tazawa, Chico Poeta, Dona Damiana de Jesus Santos, Rodolfo Gabriel, Steven Sunmor, Marcos Pereira da Costa, Iago Araújo, Jacilda (Cida) Magna Telles, Anderson Telles, Irá Santos Silva, Jéssica Lemos, Dona Maria de Fátima, Ianô Baldez, Gabriela Silva, Fernando Passos, Piturico, Glayds Bitencourt, Fernanda Passos, Gabrielle Sophia, Carlos Marcelino (Paulinho), Kleber da Paixão, Leonardo Bitencourt, Solange Bitencourt, Célia Maria, Samira Soares, Bianca Borsoi e Miguel Brito.

REFERÊNCIA: AQUINO, Rita Ferreira de. **A prática colaborativa como estratégia para a sustentabilidade de projetos artístico-pedagógicos em artes cênicas:** um estudo de caso na cidade de Salvador. 2015.



Estado da Bahia